Desenvolvimento da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil

Scale development of knowledge about child sexual abuse

Denise Elizandra Lazarini

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

deni.lazarini@hotmail.com

Endereço: Avenida Marechal Floriano Peixoto, 7971 cj 06

CEP: 81650-000

Resumo

Avaliar o conhecimento das crianças acerca do tema abuso sexual infantil é uma forma de prevenção. Informações sobre abuso sexual devem ser cada vez mais propagadas na sociedade com o intuito de fortalecer o repertório de autoproteção infantil. O presente estudo teve como objetivo desenvolver a Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil a partir do Questionário sobre Fatores relacionados ao Abuso Sexual (Padilha,2007) para a população de 9 a 14 anos no Município de Curitiba e Região Metropolitana. Para isso foram realizados estudos, com três amostras, contendo 23 participantes no total, entre 08 a 12 anos de idade, no ensino fundamental, de ambos os sexos, abrigados em instituições assistidas pela Fundação de Assistência Social e atendidas pelo CREAS de São José dos Pinhais. Os itens originais precisaram passar por modificações, além disso, foi indispensável à criação de novos itens e adaptação, através da análise semântica. A escala final foi facilmente compreendida pelos participantes que discriminaram com clareza os itens desenvolvidos.
Palavras-chaves: Abuso sexual infantil, prevenção, psicometria

Abstract

To assess the children's knowledge about the subject Child sexual abuse is a form of prevention. Information about sexual abuse should be increasingly propagated in society in order to strengthen the repertoire of self-protection child. This study aimed to develop the Scale Knowledge about Sexual Abuse - teenage version from the Questionnaire on Factors Related to Sexual Abuse (Padilha, 2007) for a population of 9 to 14 years in the city of Curitiba and its metropolitan area. For that studies have been performed with three samples containing 23 participants in total, between 08 and 12 years of age, in elementary school, of both sexes, housed in institutions assisted by the Foundation for Social Welfare and attended by CREAS São José dos Pinhais. The original items needed to undergo changes, moreover, was indispensable to the creation of new items and adaptation via semantic analysis. The final scale was easily understood by the participants that the items discriminated clearly developed.
Keywords: Child sexual abuse prevention, psychometry

Introdução

Num contexto onde crianças são frequentemente avaliadas como vítimas de abuso sexual, faz-se necessário fortalecer o processo de avaliação com instrumentos psicológicos adequados a essa realidade. Em virtude da ausência de instrumentos padronizados voltados à avaliação de fatores de risco para violência, em específico abuso sexual, evidencia-se a necessidade de investimento científico para a construção de instrumentos psicológicos. Dessa forma, profissionais e comunidade poderão promover medidas preventivas de apoio à criança em situação de risco para abuso sexual.

Em busca por artigos científicos em base de dados gratuitos no período de fevereiro a junho de 2011, sendo os termos de busca abuso sexual e avaliação psicológica houve 18 resultados, sendo apenas sete artigos relacionados à avaliação psicológica e abuso sexual infantil com destaque para avaliação das consequências do abuso já ocorrido. A maior parte dos artigos refere-se a instrumentos projetivos com a finalidade de avaliar possível ocorrência do abuso sexual. Nenhum dos artigos apresentou a avaliação psicológica em casos de abuso sexual como forma de prevenção primária, ou seja, verificar fatores de risco para a ocorrência do abuso sexual infantil.

A dimensão da violência contra crianças e adolescentes no Brasil pode ser verificada através dos relatórios apresentados anualmente. De acordo com o Ministério da Saúde(2011) a violência sexual em crianças de 0 a 9 anos de idade é o segundo maior tipo de violência mais característico nessa faixa etária. A pesquisa mostra que, em 2011, foram registrados 14.625 notificações de violência doméstica, sexual, física e outras agressões contra crianças menores de dez anos. A violência sexual contra crianças até os 9 anos representa 35% das notificações. Os dados preliminares mostram que a violência sexual também ocupa o segundo lugar na faixa etária de 10 a 14 anos, com 10,5% das notificações, ficando atrás apenas da violência física (13,3%). No ultimo relatório de

2009 da Rede de Proteção no Município de Curitiba, foram notificados 4735 casos de maus-tratos, a violência sexual ocupa a terceira posição dos registros com 473 casos notificados. A faixa etária de maior número de notificações de violência foi a de 10 a 14 anos (30,0%), período em que a grande maioria das crianças frequenta o ambiente escolar. A faixa etária de 05 a 09 anos está em segundo lugar (28,2%).

Sanderson (2008) acredita que apenas 10% dos casos são, relatados ou chegam ao sistema judiciário criminal, indicando que nosso conhecimento é extremamente limitado e fundamental apenas naqueles casos que são denunciados.

Revisão de Literatura

Em 1999, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a violência em todas as suas formas deve ser considerada um problema de saúde publica. E, desde então, os profissionais estão tentando entender os fatores de risco e proteção importantes na geração da violência ao nível da sociedade (estrutural), da comunidade (institucional) e da família (interpessoal), para que possam ser desenvolvidas estratégias eficazes de prevenção (Lidchi, 2010).

De todas as formas de violência contra crianças e adolescentes, o abuso sexual é uma das formas mais graves, recorrente e com consequências negativas para desenvolvimento das vitimas. Trata-se de um fenômeno universal, que atinge todas as idades, níveis sociais e econômicos, etnias, religiões e culturas (Pfeiffer , Salvagni, 2005).

A Organização Mundial da Saúde juntamente com a ISPCAN adotam o seguinte critério para definir maus-tratos: *O abuso ou maus-tratos em relação à criança constitui todas as formas de tratamento doentio, físico e/ou emocional, abuso sexual, negligencia ou tratamento negligente, exploração comercial ou outro tipo de exploração, resultando em danos reais ou potenciais para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder* (Lidchi, 2011).

Alterações neuropsicológicas:

Duarte e Arboleda (2005) afirmam que crianças e adolescentes vítimas de abusos sexuais tem um maior risco de desenvolver problemas interpessoais e psicológicos que outros da mesma idade que não tenham sofrido esses abusos. Sanderson (2005) adiciona uma variedade de distúrbios psiquiátricos, como distúrbio do estresse pós traumático (TEPT), transtorno do déficit de atenção (TDAH) , distúrbios de conduta e distúrbio de personalidade anti-social.

Além disso, estudos sobre neurodesenvolvimento demonstram que crianças expostas ao abuso sexual apresentam alterações em regiões cerebrais. Um estudo realizado por Borges e Dell'Aglio(2008) aponta as relações entre abuso sexual infantil, transtorno do estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos. Embora seja evidente a necessidade de maiores investigações na área, destaca-se a associação entre abuso sexual, transtorno do estresse pós-traumático e alterações, tanto estruturais quanto funcionais, em áreas cerebrais envolvidas nos sistemas neurais de resposta ao estresse.

Prevenção

Vários estudos têm sido realizados para analisar os fatores que podem contribuir para aliviar o impacto do abuso sexual. A maioria ocupou-se em analisar os fatores de risco que podem estar associados às consequências negativas do abuso sexual infantil (Spaccarelli e Fuchs,1997). Cabe ressaltar que existem recursos individuais e ambientais que poderiam atuar como fatores de proteção contra problemas posteriores de comportamento (Spaccarelli,1994). A pesquisa dos fatores de proteção também é fundamental para poder delinear o tratamento ou prevenção, de modo que cada vez é maior o número de estudos que se ocupam desse tema (Lynskey e Fergusson,1997, Mannarino e Cohen, 1996, Spaccarelli e Kim,1995).

A Organização Mundial da Saúde(2002) insiste em que as intervenções eficazes dependem da integração das ações dos diferentes setores envolvidos com crianças e adolescentes- de educação, dos serviços sociais, da justiça e da saúde. Os programas

intersetoriais devem dar prioridade à prevenção precoce e ao desenvolvimento de padrões de relacionamentos saudáveis, tanto dentro quanto fora da família (Lidchi,2011).

Segundo Wolfe(1998), a prevenção de abuso sexual pode se dar em três níveis: primário, secundário e terciário: 1) A prevenção primaria tem como objetivo a eliminação ou redução dos fatores sociais, culturais e ambientais que favorecem o abuso. 2) a prevenção secundaria tem como objetivo a detecção precoce de crianças ou adolescentes em situação de risco, impedindo os atos de violência ou abuso e sua repetição. 3) No nível da prevenção terciária o objetivo é o acompanhamento integral da vitima e do agressor por equipe multidisciplinar, incluindo atendimento medico, psicológico, social e jurídico.

Trabalhar com criança que tenha sido abusada sugere que em muitas instâncias o abuso poderia ser prevenido se a criança tivesse instruções anteriores. Carência de conhecimento ou incerteza sobre normas de comportamento, muitas vezes desempenham um papel na vitimização de uma criança (Cavanagh-Johnson,1995).

Estratégias de prevenção têm sido desenvolvidas para reduzir a possibilidade de vitimização sexual e física favorecendo-se o aumento da autoestima da criança. Para Gordon e Schroeder (1995), as crianças que têm boa autoestima, habilidades de resolução de problemas e conhecimento sexual estão mais aptas a se protegerem de situações de exploração sexual.

Segundo Finkelhor(1984), a capacidade das crianças para resistir ou para evitar o abuso pode ser reduzida porque geralmente são jovens, são ingênuos, ou faltam-lhes informações.

Wurtele citado por Wolfe (1998), descreve que conhecimento prévio e desinformação sobre abuso sexual variam de acordo com a idade. Crianças com média de idade de 6 anos tem problemas em definir abuso sexual, já crianças com média de idade de 11 anos incluem contato sexual em suas definições sobre abuso sexual.A maioria das crianças acredita que os

abusadores tendem a ser homens sendo as vítimas principalmente do sexo feminino, no entanto, os meninos mais jovens tendem a ver as vítimas como homens ou mulheres. As crianças mais velhas acreditam que os abusadores são em sua maioria adolescentes ou adultos. As crianças mais velhas reconhecem que a maioria dos agressores são conhecidos por suas vítimas, enquanto as crianças mais jovens tendem a acreditar que os autores são desconhecidos. As crianças mais velhas tendem a ver os agressores como desviante ou louco, e muitas crianças acreditavam que o abuso sexual envolve agressão física grave. Aproximadamente 20% das crianças, independentemente da idade, não consegue pensar em maneiras de proteger-se contra o abuso sexual. Quando as crianças ofereceram sugestões, as mais comuns foram: dizer "não", ficar longe, e dizer a alguém.

Finkelhor (1984) em seu modelo de condições para a ocorrência de abuso sexual infantil aponta fatores de risco relacionados à criança como insegurança, desamparo, falta de conhecimento sobre abuso sexual infantil e relação de confiança com o agressor. Ainda de acordo com Finkelhor (1984) a sociedade demostra impotência e indisponibilidade para educação sexual das crianças.

Avaliação Psicológica em Casos de Abuso Sexual Infantil.

Os especialistas costumam diferenciar entre duas perspectivas para abordar o tema da validade das declarações da criança: o enfoque dos padrões e o dos indicadores. O enfoque dos padrões caracteriza-se por centrar-se no desenvolvimento de protocolos e de orientações sobre como realizar a entrevista e a avaliação do abuso, com o objetivo de aumentar a probabilidade de que a criança descreva com exatidão o acontecido. Essas orientações e protocolos pretendem melhorar a validade dos juízos emitidos pelos profissionais, incorporando os conhecimentos científicos relevantes e reconhecendo a importância de se acomodar ao nível de desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças. O enfoque dos indicadores implica determinar se as respostas emocionais, comportamentais ou fisiológicas da criança que declara haver sido objeto de abusos são

similares às respostas das crianças com um histórico já comprovado de abuso sexual (Duarte&Arboleda,2005)

Diferentes abordagens têm sido adotadas para avaliar os comportamentos sexuais das crianças, incluindo representações de órgãos genitais em desenhos de crianças, observação da criança com brinquedos ou bonecos, e observação dos comportamentos sexuais da criança durante a entrevista. Infelizmente, nenhum destes métodos de avaliação é suportado pela pesquisa empírica (Cavanagh-Johnson,1995)

Azevedo e Guerra(1995) afirmaram que as estratégias para a prevenção primária podem incluir programas de pré-natal que abordem a temática e reforcem os vínculos pais-filhos, programas de treinamento para pais e escolas, campanhas pelos meios de comunicação, palestras e debates. As estratégias de prevenção primária devem ser complementadas por programas orientados para crianças e adolescentes em situações mais precárias (famílias que precisam de estratégias de intervenção secundária).

O objetivo geral desse estudo foi desenvolver a Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil a partir do Questionário sobre Fatores relacionados ao Abuso Sexual (Padilha,2007) elaborar os itens da escala e realizar a análise semântica do mesmo para a população de 9 a 14 anos no Município de Curitiba**.** Para a construção da escala foi indispensável à criação dos itens e adaptação, através da análise semântica à população infanto juvenil.

Método

Participantes:

Fizeram parte da construção dos itens da Escala sobre conhecimento de Abuso Sexual para Infantil, 23 participantes, sendo 11 meninos e 12 meninas, com idades entre 8 e 12, escolaridade entre o 3^0 ano e 7^0 ano do Ensino Fundamental, com registro de abuso sexual infantil abrigados em instituições mantidas pela Fundação de Ação Social(FAS) em Curitiba e atendidos pelo CREAS (Centro Especializado de Referência de Assistência Social) de São José dos Pinhais. Durante a modelagem da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil os itens sofreram algumas alterações e foram pré testados em três grupos distintos.Grupo A - A primeira amostra para a análise semântica do Questionário sobre Fatores relacionados a Abuso Sexual (Padilha,2007) foi composta por quatro adolescentes do gênero feminino, com idade entre 10 e 12 anos de idade, com escolaridade entre o 4º e 6º ano do Ensino Fundamental e abrigadas na Casa das Meninas. Também fizeram parte do grupo A, cinco participantes do gênero masculino com idade entre 10 e 12 anos, com escolaridade entre o 4º e 7º ano do Ensino Fundamental e abrigados na Casa do Pia I. Um dos participantes do gênero masculino apresentava déficit cognitivo, portanto foi retirado da amostra, perfazendo total de quatro participantes. Grupo B- A amostra para análise semântica da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil alterada para forma ilustrada (anexo) elaborada com 11 itens foi composta por cinco participantes do gênero masculino com idade entre 10 e 12 anos, com escolaridade entre o 4º e 7º ano do Ensino Fundamental e abrigados na Casa do Piá I. Grupo C- A amostra para análise semântica da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil, alterada para versão ilustrada com 40 itens (anexo) foi composta por nove adolescentes, sendo 3 meninos e 6 meninas, com idade entre 8 e 11 anos de idade , entre o 4º e o 6º do ensino fundamental atendidas no CREAS de São José dos Pinhais.

Instrumentos:

A Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil foi construída a partir do Questionário sobre Fatores relacionados a Abuso Sexual (Padilha,2007) (anexo). A primeira parte composta por 18 afirmações sobre características do abuso sexual utiliza como forma de respostas a escala intervalar de três pontos que vai de verdadeiro, falso e não sei, no formato Likert. A segunda parte com 15 afirmações de situações que podem e não ser consideradas abuso sexual na opinião da criança e/ou adolescente segue a instrução de assinalar apenas as afirmações que retratam abuso sexual. O Questionário sobre Fatores relacionados a Abuso Sexual (Padilha,2007) adota o pressuposto teórico dos comportamentos de autoproteção descrito por Wolfe (1998) que destaca a possibilidade do abuso sexual ser evitado se a criança: Reconhecer a aproximação inapropriada do adulto, resistir a induções, deixar rapidamente a situação e contar a alguém sobre o incidente. Padilha (2007) destaca que conhecimento sobre abuso sexual favorece a discriminação, por parte da criança, dos sinais de risco, portanto considerou como um fator. Já os fatores resistir a induções e reagir rapidamente foram agrupados em um único fator. Contudo, o Questionário sobre Fatores relacionados a Abuso Sexual (Padilha,2007) medem quatro fatores, sendo eles: 1) informação sobre abuso sexual; 2) discriminar situações de risco para abuso sexual; 3) resistir a induções e deixar a situação; 4) denunciar o abuso sexual.

A construção dos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil manteve o construto teórico segundo Wolfe (1998) sobre comportamentos de auto proteção, além disso manteve os seguintes fatores: 1) discriminar situações de risco para abuso sexual; 2) resistir a induções e deixar a situação e 3) denunciar o abuso sexual, segundo Padilha (2007). O fator informações sobre abuso sexual foi abordado em conjunto com os demais itens em suas ilustrações. Sendo assim, foi incluído na Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil o fator não indicativo de abuso sexual. Para cada fator foram criados 10 itens seguindo os parâmetros psicométricos segundo

Pasqualli (1998) que elenca os critérios fundamentais para elaboração de escalas psicológicas, sendo eles: 1) Critério comportamental, o item deve expressar um comportamento; 2) Critério de objetividade, o item deve envolver o comportamento propriamente dito; 3) Critério da simplicidade, o item deve expressar uma única idéia; 4) Critério da clareza, o item deve ser claro para a população mais baixa a qual se destina; 5) Critério da relevância: o item não deve ter um atributo diferente do definido; 6) Critério da precisão, o item deve ser único em seu atributo e diferente dos demais; 7) Critério da variedade, o item deve ter variação na linguagem para não monotonia e cansaço; 8) Critério da modalidade, criar expressões de reação modal não utilizando expressões extremadas; 9) Critério da tipicidade, formar frases próprias com o atributo; 10) Critério da credibilidade, o item não deve ser formulado de maneira infantil ou despropositado.

Além disso, para a criação dos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual para Infanto Juvenis (Padilha, 2007) de 09 a 14 anos de Idade, foi respeitada a anatomia do item, de acordo com Hogan (2006) que descreve o estímulo, ou seja, o enunciado do item, o formato de resposta e os procedimentos de correção. Os itens dicotômicos utilizaram respostas selecionadas entre *sim* e *não* segundo Urbina (2007) em que a escolha forçada tem sua vantagem pela sua objetividade e facilidade com que pode ser avaliado, além disso, resulta em economia significativa de tempo e melhoram a fidedignidade dos testes.

Procedimentos:

O projeto foi submetido á apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Evangélica do Paraná, obtendo-se a aprovação para realização do mesmo (ver anexo).

A autorização para utilização do Questionário sobre Fatores relacionados ao Abuso Sexual (Padilha,2007) foi concedida pela autora da mesma.

Foi encaminhado a Superintendência da Fundação de Ação Social (FAS) uma carta de solicitação para a realização da pesquisa juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo).

Durante a modelagem dos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual para Infantil percebeu-se que para melhor compreensão dos participantes transformar cada item em uma ilustração seria uma forma de facilitar o entendimento. As ilustrações foram desenvolvidas com a condição de não haver qualquer expressão facial por parte dos personagens retratados, bem como, demonstrar neutralidade com ausência de cores, para não interferir nas respostas dos participantes (Anexo 4). Os participantes disponibilizaram aproximadamente 20 minutos para realizar a análise semântica dos 40 itens. Aos participantes foi apresentado de forma individual, cada item e solicitado para que lessem e reproduzissem com suas próprias palavras. O item, quando compreendido era mantido. Caso contrário, o item poderia ser reformulado ou até mesmo descartado. Com o objetivo de verificar a instrução e forma de assinalar as respostas, foi solicitado que os participantes respondessem a Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil.

Análise de dados:

Os itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infanto Juvenil foram ajuizados pela própria população a que se destina a escala para certificar se estão se referindo ou não ao traço em questão, como descreve Pasquali (2009). Além disso, quando os itens são aplicados a uma amostra representativa da população para qual é construída o instrumento estima-se os parâmetros da psicometria clássica e verifica-se a unidimensionalidade dos itens (Couto&Primi,2011).

Resultados e Discussão

O motivo de criar novos instrumentos de medida surge em resposta à necessidade prática (Hogan, 2006). Considerar que a limitação de conhecimento por parte das crianças e adolescentes sobre abuso sexual pode ser fator de risco para a ocorrência justifica a importância de investimento na área de prevenção com instrumentos de sondagem para fatores de risco.

Ter a definição objetiva de avaliar o conhecimento da população-alvo acerca do abuso sexual foi o primeiro objetivo do presente estudo o que corrobora com Primi (2011) que trata da importância em definir rigorosamente o que se pretende medir. O processo inicial de construção da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil a partir do Questionário sobre fatores relacionados ao abuso sexual (Padilha, 2007) foi realizada com base nos critérios expostos por Pasquali(1998) . Para a análise semântica, os itens e a forma de assinalar as respostas foram colocados em teste de compreensão da população-alvo, assim como descreve Pasquali (2009).

Como já foi demonstrado no método, os itens do Questionário sobre fatores relacionados ao abuso sexual infantil (Padilha, 2007) passaram por duas etapas de pre testagem informal que de acordo com Hogan(2006) tem o objetivo de se certificar de que os protótipos dos itens desejados iriam funcionar. Além disso, pode ser realizada com poucos participantes com características equivalentes a população que se deseja avaliar.

O processo de desenvolvimento da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil em seus diferentes momentos manteve a estrutura inicial baseada nos fatores descritos por Wolfe (1998) sobre a possibilidade das crianças aprenderem um repertório de autoproteção composto por quatro condições, sendo elas, discriminar situações de risco para abuso sexual, resistir a induções dizendo não, sair rapidamente da situação e denunciar o ocorrido.

A Tabela 1 apresenta os itens do Questionário sobre fatores relacionados a abuso sexual (Padilha,2007) em função dos fatores medidos por ela.

Tabela 1. Itens do Questionário sobre fatores relacionados a abuso sexual (Padilha,2007).

Fator	Item
Informação sobre abuso sexual	1,2,6,8,9,11,13,16,18
Discriminar situações de risco para abuso sexual infantil	19 a 33
Dizer não e deixar a situação	3,4,7,10,12
Denunciar o abuso	5,14,15,17

Como observado na Tabela1, 9 itens foram construídos para representar o fator *Informações sobre abuso sexual*. O fator *Discriminar situações de risco para abuso sexual infantil* foi representado por 15 itens. Os itens 3,4,7,10 e 12 formam o fator *Dizer "não" e deixar a situação*. *Denunciar o incidente a um adulto de confiança* foi composto pelos itens 5,14,15 e 17.

A Tabela 2 apresenta os itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil em função dos fatores avaliados por ela.

Tabela 2. Itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil

Fator	**Item**
Fator não indicativo de abuso	1-10
Discriminar situações de risco para abuso sexual infantil	11-20
Dizer não e deixar a situação	21-30
Denunciar o abuso	31-40

De acordo com a Tabela 2, os fatores avaliados tiveram a mesma proporção de itens, compostos por 10 itens cada fator. Os fatores *Discriminar situações de risco para abuso sexual infantil, Dizer não e deixar a situação, Denunciar o incidente a um adulto de confiança* foram mantidos em relação ao Questionário sobre fatores relacionados a abuso sexual (Padilha,2007). O fator *Informação sobre abuso sexual* foi considerado em toda extensão dos itens, perpassando por todos os fatores.

Os resultados encontrados na primeira etapa da análise semântica do Questionário sobre fatores relacionados a abuso sexual (Padilha,2007) com o Grupo A evidenciou necessidade de adaptação de seus itens para uma versão ilustrada em decorrência da dificuldade dos participantes em compreender o enunciado de cada item. Os itens tornaram-se dicotômicos com resposta selecionada em toda extensão do instrumento. Além disso, foi acrescentado o mesmo número de itens para cada fator. (Tabela 2)

A tabela 3 apresenta os itens do Questionário sobre fatores relacionados ao abuso sexual (Padilha,2007).

Tabela 3. Itens do Questionário sobre fatores relacionados a abuso sexual (Padilha,2007).

Itens	
1.	Em um abuso sexual o agressor usa sempre a força e a violência.
2.	Os abusadores costumam enganar as crianças ou adolescentes com falsas promessas.
3.	Todas as crianças e adolescentes sabem se defender de agressores sexuais.
4.	Ao perceber que um adulto está tentando abusar sexualmente, a criança ou adolescente deve sair correndo.
5.	Uma criança ou adolescente que tenha sofrido abuso sexual não deve contar para ninguém.
6.	As pessoas que cometem abuso sexual sempre são pessoas desconhecidas daquele que sofreu abuso.
7.	Uma criança ou adolescente é envolvido(a) num abuso sexual porque quer.
8.	Apenas os homens abusam sexualmente.
9.	Pessoas que têm bastante dinheiro não abusam sexualmente.
10.	Quando um adulto se aproxima de uma criança ou adolescente para abusar sexualmente, esta (este) deve ficar quieta(o), pois o adulto pode bater nela (nele).
11.	Apenas crianças ou adolescentes do sexo feminino são vítimas de abuso sexual.
12.	A criança ou adolescente nunca tem culpa de ter sofrido abuso sexual.
13.	Adolescentes (do sexo masculino ou feminino) também podem ser agressores sexuais.
14.	O adulto que pratica abuso sexual tenta fazer a criança ou adolescente se sentir culpada(o) por ter participado.
15.	Se uma criança ou adolescente esteve numa situação em que poderia ter sido vítima de abuso sexual, deve contar para algum adulto de confiança.
16.	Se a criança ou adolescente usar roupas que não mostrem partes do seu corpo, não vai sofrer abuso sexual.
17.	Se a criança ou adolescente contar para algum colega sobre o abuso que sofreu, o adulto que abusou pode fazer alguma coisa contra ela (ele) ou contra alguém da sua família.
18.	Uma criança ou adolescente pode ser abusada(o) sexualmente por uma pessoa por um adulto de quem gosta muito.

Ainda que o objetivo da aplicação do Questionário sobre fatores relacionados ao abuso sexual (Padilha,2007) ao Grupo A não fosse uma análise quantitativa das respostas e sim uma análise semântica dos itens , a quantidade expressiva de respostas marcadas com "*não sei"* em conjunto com a observação da pesquisadora no momento da aplicação foi determinante para a alteração dos itens em seu formato. Os itens complexos e extensos como: "*Uma criança ou adolescente que tenha sofrido abuso sexual não deve contar para ninguém". "Pessoas que têm bastante dinheiro não abusam sexualmente".* "*A criança ou adolescente nunca tem culpa de ter sofrido abuso sexual.* "*Se a criança ou adolescente usar roupas que não mostrem partes do seu corpo, não vai sofrer abuso sexual"*; foram descartados por apresentarem sentenças negativas e extremadas como sugere Hogan(2006) para elaboração do enunciado. Além disso, os itens extensos tiveram menor entendimento por parte dos participantes que ao final da sentença não se recordavam do que haviam lido. Urbina (2007) afirma que independentemente de quais constructos os itens de teste devem avaliar, eles sempre envolvem multiplas funções. De início, alguma atenção para os estímulos do teste são necessárias para responder a qualquer tarefa, assim como uma certa quantidade de memória de curto prazo. Optou-se pela reformulação dos itens com a expressão "*adolescentes"* para "*criança maior"* em função da dificuldade de compreensão do termo adolescente pelos participantes que não sabiam o significado da palavra.

Após a reformulação do Questionário sobre fatores relacionados a abuso sexual (Padilha, 2007) ; os itens já em sua versão ilustrada foram apresentados ao Grupo B , composto por cinco pré adolescentes do sexo masculino com idades entre 9 e 12 anos e com registro de abuso sexual, abrigados na Casa do Piá I. Um dos participantes apresentou déficit cognitivo sendo excluído da amostra. Os 11 itens foram divididos em 5 fatores, sendo eles: *discriminar situações de risco para abuso sexual, resistir a induções dizendo não, reagir rapidamente e sair da situação, denunciar o abuso;*

conforme descreve Wolfe (1998) a respeito dos fatores de autoproteção. Além desses fatores foi acrescentado o *fator não indicativo de abuso sexual*.

A tabela 5 representa os fatores com os respectivos itens que se pretende avaliar na prétestagem informal da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil como forma de averiguar se as estruturas dos itens estavam de acordo com o entendimento dos participantes.

Tabela 5. Fatores da pré testagem informal da Escala de Conhecimento sobre abuso sexual infantil

Fator	**Item**
Discriminar situações de risco para abuso sexual.	3,5,6,7,11
Resistir a induções dizendo não.	8,9
Reagir rapidamente e sair da situação.	9
Denunciar o abuso.	8,10
Fator não indicativo de abuso sexual.	1,2,4,

Como observado na Tabela 5, os itens 3,5,6,7 e 11 foram criados para representar o fator *Discriminar situações de risco para abuso sexual*, os fatores *Resistir a induções dizendo não, Reagir rapidamente e sair da situação,* não foram agrupados em um único fator, permanecendo da forma original relatado por Wolfe (1998). A inclusão do *Fator não indicativo de abuso sexual* foi acrescentado como forma de contribuir para a análise das repostas dos participantes.

A Tabela 6 apresenta os resultados das respostas emitidas pelos participantes do grupo B durante a análise semântica do fator Discriminar situações de risco para abuso sexual.

Tabela 6. Porcentagem de respostas corretas nos itens correspondentes ao fator "Discriminar situações de risco para abuso sexual" na análise semântica Grupo B (N=4):

Discriminar situações de risco para abuso sexual		
Item	**Enunciado**	**% acertos**
3	Sr. Mario dá uma boneca para Mariana em troca ele toca o corpo da menina.	100
5	O vizinho puxa Isabela pelo braço e fala que vai ensinar uma nova brincadeira.	75
6	O vizinho convida Mariana para tirar fotos sem roupas.	100
7	Lucas oferece dinheiro para Pedro tomar banho com ele.	100
11	Carol não conta pra ninguém que seu amigo passou a mão em seu bumbum.	100

Os itens 3,5,6,7e 11 foram compreendidos em sua totalidade pelos participantes. O item 5. *O vizinho puxa Isabela pelo braço e fala que vai ensinar uma nova brincadeira,* foi compreendido pelo participante, porém sua resposta não considera o item como possível risco para abuso sexual.

A Tabela 7 apresenta os resultados das respostas emitidas pelos participantes do grupo B durante a análise semântica dos itens do fator Resistir a induções dizendo "não" .

Tabela 7. Porcentagem de respostas corretas nos itens correspondentes ao fator "Resistir a induções dizendo "não" na análise semântica Grupo B (N= 4):

Resistir a induções dizendo "não"		
Item	**Enunciado**	**% acertos**
8	Carol fala para o tio que pare de passar a mão em seu corpo e vai contar para sua família.	100

Conforme a Tabela 7 composta pelo item 8 criado para representar o fator Resistir a induções dizendo "não" os participantes além de assinalar a resposta correta reproduziram o enunciado com clareza.

A Tabela 8 apresenta os resultados das repostas dos participantes ao item 9 criado para representar o fator Reagir rapidamente e sair da situação.

Tabela 8. Porcentagem de respostas corretas nos itens correspondentes ao fator "Reagir rapidamente e sair da situação" na análise semântica Grupo B (N= 4):

Reagir rapidamente e sair da situação		
Item	**Enunciado**	**% acertos**
9	Juca sai correndo quando Sr. Alfredo pede para ele tirar a roupa em sua casa.	100

Como apresenta a Tabela 8 o item *Juca sai correndo quando Sr. Alfredo pede para ele tirar a roupa em sua casa,* foi compreendido por todos os participantes do Grupo B, sem hesitação ou dúvida a respeito do enunciado.

A Tabela 9 apresenta os resultados dos participantes do Grupo B em relação ao fator "Denunciar o abuso" representado pelos fatores 8 e 10.

Tabela 9. Porcentagem de respostas corretas nos itens correspondentes ao fator "Denunciar o abuso" na análise semântica Grupo B (N= 4):

Denunciar o abuso		
Item	**Enunciado**	**% acertos**
8	Carol fala para o tio que pare de passar a mão em seu corpo e vai contar para sua família.	100
10	Isabela conta para sua professora que seu tio pede para ela tocar suas partes íntimas.	100

Como observado na Tabela 9 os itens 8 e 9 construídos para representar o fator Denunciar o abuso, foi compreendido pelos participantes com clareza, sem hesitação ou dúvida. Optou em utilizar a expressão *partes íntimas* em lugar de *genitais* pela maior familiaridade dos participantes com o termo.

A Tabela 10 apresenta as respostas emitidas pelos participantes ao fator não indicativo de abuso sexual.

Tabela 10. Porcentagem de respostas corretas nos itens correspondentes ao "Fator não indicativo de abuso sexual" na análise semântica Grupo B (N= 4):

Fator não indicativo de abuso sexual		
Item	**Enunciado**	**% acertos**
1	A tia abraça o sobrinho.	100
2	Pai dá banho em sua filha de 4 anos.	100
4	Isabele abraça seu amigo na escola.	100

Como observado na Tabela 10 os itens 1,2 e 4 foram criados para representar o Fator não indicativo de abuso sexual, tiveram total compreensão do enunciado, assim como responderam adequadamente aos itens.

É possível verificar através das respostas nas sentenças da análise semântica que houve compreensão dos participantes dos itens aplicados. Contudo, fez-se necessário a ampliação do número de itens para a versão final do instrumento que pretende ser construído com aproximadamente 20 itens. Embora não haja uma definição precisa

acerca do número ideal de itens para a construção de um instrumento, alguns pesquisadores fazem suas considerações para a quantidade. Para isso Hogan(2006) considera que seja importante preparar um número duas ou três vezes maior de itens do que o necessário para o teste final. Ainda em relação à quantidade de itens Pasquali(2006) reafirma que a quantidade de itens iniciais deve ser aproximadamente o triplo de itens para poder se assegurar um terço deles.

A Tabela 11 apresenta os 40 itens criados para a Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil. Os itens estão apresentados sequencialmente. Os itens de 1 a 10 representam o Fator não indicativo de abuso sexual. Os itens de 11 a 20 foram criados para representar o fator Discriminar situação de risco para abuso sexual. O fator Dizer "não" e sair rapidamente da situação estão representados através dos itens 21 a 30. Por fim, os itens 31 ao 40 foram desenvolvidos para demonstrar o fator Denunciar Abuso Sexual.

Tabela 11. Itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil

Itens	Enunciado
1.	A tia abraça o sobrinho.
2.	O pai dá banho em sua filha pequena.
3.	A menina abraça seu amigo na escola.
4.	O menino joga bola com seu amigo.
5.	As crianças brincam no parque.
6.	O amigo passa a mão no cabelo do menino.
7.	O menino encosta a cabeça na amiga.
8.	O menino lê um gibi na biblioteca.
9.	Os amigos comem juntos no recreio.
10.	As crianças nadam no rio.
11.	O vizinho puxa a menina pelo braço para ensinar uma nova brincadeira.
12.	O tio convida a menina para tirar fotos sem roupa.
13.	Um adulto mostra as partes intimas para uma criança.
14.	Um homem estranho convida o menino para jogar videogame.
15.	O jardineiro chama a menina para se esconder no mato.
16.	A mulher oferece balas para tocar as partes intimas do menino.
17.	Um menino maior pede para beijar uma criança pequena na boca.
18.	No rio um menino maior pede para tocar as partes íntimas da criança pequena.
19.	O professor convida o aluno para assistir filme em sua casa.
20.	Brincando uma menina maior pede para beijar uma criança pequena na boca.
21.	A menina fala para seu tio parar de passar a mão em seu corpo.
22.	O menino sai correndo quando seu vizinho pede para ele tirar a roupa em sua casa.
23.	A menina pede para seu amigo parar de passar a mão em seu bumbum.
24.	O menino fala para o homem que não vai tirar a roupa em sua casa.
25.	A menina fala para seu vizinho que não quer aprender uma nova brincadeira.
26.	A menina sai correndo quando seu padrasto vai beijar a sua boca.
27.	O menino corre quando seu professor toca suas partes íntimas.
28.	A menina corre quando seu primo mostra uma revista de pessoas sem roupas.
29.	A menina vai embora quando seu tio coloca um filme de pessoas sem roupas.
30.	A menina corre quando o jardineiro chama para entrar no mato.
31.	A menina conta para os pais que seu tio passa a mão em seu corpo.
32.	A menina conta para a sua professora que seu tio pede para ela tocar suas partes íntimas.
33.	A menina conta para sua mãe que seu pai mostrou um filme de pessoas sem roupas.
34.	A menina conta para sua professora que seu vizinho mostra revistas de pessoas sem roupas.
35.	O menino conta para a vizinha que seu pai pede para ele tocar suas partes íntimas.
36.	A menina conta para sua mãe que seu padrasto tenta beijá-la na boca.
37.	O menino conta para seu pai que o professor tentou passar a mão em suas partes íntimas.
38.	A menina conta para sua tia que seu irmão maior pede para ela tocar suas partes íntimas.
39.	O aluno conta para o professor que um homem chama as crianças para dentro do carro
40.	A menina conta para a empregada que o jardineiro chama para entrar no mato.

Como observado na Tabela 11, os itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil sofreram alterações em sua quantidade e enunciado. Os itens não apresentam nomes próprios. A expressão *"adolescente"* foi trocada por *"criança maior"* pela facilidade de compreensão dos participantes. Manteve-se a expressão partes íntimas, pois segundo observação da pesquisadora é a forma mais compreendida pelos participantes, embora seja um termo sofisticado foi o mais inteligível ao estrato mais baixo da população que se pretende avaliar.

Analisar quantitativamente as respostas dos participantes em função da análise semântica, foi também uma forma de avaliar a compreensão pelos participantes do Grupo C. A Tabela 12 apresenta as respostas aos itens criados para o Fator não indicativo de Abuso Sexual Infantil.

Tabela 12. Respostas dos participantes em relação aos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil Grupo C (N= 9)

Fator não indicativo de abuso sexual infantil			
Item	**Enunciado**	**Sim**	**Não**
1.1	A tia abraça o sobrinho.	0	9
1.2	O pai dá banho em sua filha pequena.	1	8
1.3	A menina abraça seu amigo na escola.	0	9
1.4	O menino joga bola com seu amigo.	0	9
1.5	As crianças brincam no parque.	0	9
1.6	O amigo passa a mão no cabelo do menino.	0	9
1.7	O menino encosta a cabeça na amiga.	0	9
1.8	O menino lê um gibi na biblioteca.	0	9
1.9	Os amigos lancham no recreio.	0	9
1.10	As crianças nadam no rio.	0	9

Como verificado na Tabela 12, os participantes não apresentaram dúvidas em relação aos itens, reproduziram com clareza cada item que compõe o Fator não indicativo de abuso sexual e responderam corretamente ao enunciado. O participante no momento da apresentação do fator 1.2 *O pai dá banho em sua filha pequena* reproduziu o enunciado de forma clara, porém assinalou como fator indicativo de abuso sexual por não concordar que o homem dê banho na filha.

A Tabela 13 apresenta as respostas dos participantes aos itens criados para representar o fator Discriminar situações de risco para abuso sexual infantil.

Tabela 13. Respostas dos participantes em relação aos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil Grupo C (N= 9)

Discriminar situações de risco para abuso sexual infantil			
Item	**Enunciado**	**Sim**	**Não**
2.1	O vizinho puxa a menina pelo braço para ensinar uma nova brincadeira.	0	9
2.2	O tio convida a menina para tirar fotos sem roupas.	1	8
2.3	Um adulto mostra as partes íntimas para a criança.	0	9
2.4	Um homem estranho convida o menino para jogar vídeo game.	0	9
2.5	O jardineiro chama a menina para se esconder no mato.	0	9
2.6	A mulher oferece balas para tocar as partes íntimas do menino.	0	9
2.7	Um menino maior pede para beijar uma criança pequena na boca.	0	9
2.8	No rio um menino maior toca as partes íntimas da criança pequena.	0	9
2.9	O professor convida o aluno para assistir filme em sua casa.	0	9
2.10	Brincando uma menina maior tenta beijar uma criança pequena na boca.	0	9

Como observado na Tabela 13 os participantes do Grupo C reproduziram corretamente o enunciado de cada item. O item 2.9 *O professor convida o aluno para assistir filme em sua casa* embora tenha sido reproduzido corretamente pelos participantes não foi avaliado como fator de risco para abuso sexual.

A Tabela 14 apresenta os itens criados para representar o fator Dizer não e deixar rapidamente a situação em conjunto com as respostas dos participantes.

Tabela 14. Respostas dos participantes em relação aos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil Grupo D (N= 9)

Dizer "não" e deixar a situação			
Item	**Enunciado**	**Sim**	**Não**
3.1	A menina fala para seu tio parar de passar a mão em seu corpo.	0	9
3.2	O menino corre quando seu vizinho pede para ele tirar a roupa em sua casa.	0	9
3.3	A menina pede para seu amigo parar de passar a mão em seu bumbum.	0	9
3.4	O menino fala para o homem que não vai tirar a roupa em sua casa.	0	9
3.5	A menina fala para seu vizinho que não quer aprender uma nova brincadeira.	0	9
3.6	A menina corre quando seu padrasto vai beijar sua boca.	0	9
3.7	O menino corre quando seu professor pede para tocar suas partes íntimas.	0	9
3.8	A menina corre quando seu primo mostra uma revista de pessoas sem roupas.	0	9
3.9	A menina sai quando seu tio coloca um vídeo de pessoas sem roupas.	0	9
3.10	A menina corre quando o jardineiro chama para entrar no mato	1	8

De acordo com os registros da análise semântica dos itens da Tabela 14, houve compreensão do enunciado de cada item criado para o fator Dizer "não" e deixar a situação. As respostas avaliadas secundariamente representam o ponto de vista dos participantes que corretamente avaliam, em sua maioria o fator como indicativo de abuso sexual.

A Tabela 15 apresenta os itens criados para representar o fator Denunciar o abuso sexual submetido à análise semântica pelo Grupo C e respondidos para averiguar a forma de respostas dos participantes na folha de registro. A criação dos itens da tabela 15 considerou a relação com os demais fatores avaliados.

Tabela 15. Respostas dos participantes em relação aos itens da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil Grupo D (N= 9)

Denunciar o abuso			
Item	**Enunciado**	**Sim**	**Não**
4.1	A menina conta para os pais que seu tio passa a mão em seu corpo.	0	9
4.2	A menina conta para a professora que seu tio pede para ela tocar suas partes íntimas.	0	9
4.3	A menina conta para sua mãe que seu pai mostrou um filme de pessoas sem roupas.	0	9
4.4	A menina conta para sua professora que seu vizinho mostra revistas de pessoas sem roupas.	0	9
4.5	O menino conta para sua vizinha que seu pai pede para ele tocar suas partes íntimas.	0	9
4.6	A menina conta para sua mãe que o padrasto tenta beija-la na boca.	0	9
4.7	O menino fala para seu pai que o professor tocou suas partes íntimas.	0	9
4.8	A menina conta para sua tia que o irmão pede para ela pegar em suas partes íntimas.	0	9
4.9	O aluno conta para o professor que um homem chama as crianças para dentro do carro.	0	9
4.10	A menina conta para a empregada que o jardineiro chama para entrar no mato.	0	9

Como observado na tabela 15 o fator Denunciar abuso sexual por sua evidência foi considerado indicador de abuso sexual por todos os participantes que expressaram de forma clara e correta todos os itens.

O resultado da análise semântica realizada com o Grupo C sugeriu que os participantes no decorrer das aplicações da Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil apresentaram compreensão acerca dos enunciados de cada item. Para isso foi necessário algumas reformulações em alguns itens. Os itens (2.8,3.7,4.2,4.5,4.7,4.8,4.9) que apresentavam a expressão *"genitais"* foi alterada para "*partes íntimas*" .Com relação à compreensão na forma de registro das respostas evidenciou-se que os participantes não tiveram dificuldades. Todos os itens foram mantidos devido à compreensão adequada pelos participantes.

Considerações Finais

A importância em estimar o conhecimento das crianças acerca do tema abuso sexual infantil é consideravelmente significativa para prevenção da ocorrência. Informações sobre abuso sexual devem ser cada vez mais propagadas na sociedade com o intuito de fortalecer o repertório de autoproteção infantil. Portanto avaliar de maneira pontual os fatores de risco contribui para o desenvolvimento de programas direcionados para as áreas com maior fragilidade de conhecimento.

Para a construção de um instrumento de medida são necessárias duas condições: saber o que medir através do domínio teórico e como medir, através do conhecimento no campo da Psicometria. Construir um instrumento direcionado para a população infantil requer ainda adentrar no universo da criança para disponibilizar todas as informações necessárias de forma que ela possa ter condições de responder e assim usufruir das contribuições que um instrumento psicológico pode oferecer para a população.

Evidencia-se a necessidade de continuidade para que a Escala de Conhecimento sobre Abuso Sexual Infantil alcance os demais parâmetros psicométricos necessários para sua utilização, além disso, demais estudos na área de avaliação de fatores de risco para violência contra criança e adolescente são necessários e indispensáveis para minimizar o cenário da violência contra criança e adolescente.

Referências Bibliográficas:

Aded, N.L.O., Dalcin, B.L.G.S., Moraes, T.M. & Cavalcanti, M.T. (2006) Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. (pp.204-213) Revista de PsiquiatriaClínica.

Borges, J.L.,& DellAglio,D.D.(2008). Relações entre abuso sexual na infância, transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. (pp.371-379)Psicologia em Estudo, 13(2).

Brino,R.F Professores como Agentes de Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Avaliação de um Programa de Capacitação. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo

Cavanagh-Johnson, T. &Friend, C. (1995) Assessingyoungchildren sexual behaviors in thecontextofchild sexual abuse evaluations. In: T. Ney (org) Trueand False AllegationsofChild Sexual Abuse – assessmentand case management. (49-72). New York: BrunnerMazel.

Jones, L., Finkelhor, D.& Halter, S. (2006) Childmaltreatmenttrends in the 1990s:Why does neglectdifferfrom sexual andphysical abuse? ChildMaltreatment. 11(2), 107-120. ChildhoodDisorders .(pp. 545 a 597) New York: The Guilford Press.

Couto, G. & Primi, R.(2011) Teoria de resposta ao item (TRI): Conceitos elementares dos modelos para itens dicotômicos. Bol. psicol [online]., vol.61, n.134 . Recuperado em 28 de março de 2013 em http://www.scielo.com.br

Duarte,J.C., Arboleda,M.R.C (2005) Sintomatologia, avaliação e tratamento do abuso sexual infantil. In Manual de Psicologia Clinica Infantil e do Adolescente.(pp.293-321) São Paulo: Santos

Einseinstein, E.(2004). Quebrando o silêncio sobre o abuso sexual. Adolescência e Saúde 1(3), 26-29.

Elliot, M., Browne, K. &Kicoyne, J. (1995) Child Sexual Abuse Prevention: WhatOffendersTell Us. Child Abuse &Neglect. 19 (5), 579-594.

Finkelhor, David(1984) Child Sexual Abuse, Four Preconditions: A Model New York:Free Press Mac Millen, 53-68

Fortes,M.G.G.B,Scheffer,M.L.S, Kapczinski, N.S(2007) Elementos indicativos de abuso sexual na infância obtidos pelo método Rorschach, Revista Hospital de Clinicas de Porto Alegre (HCPA), RS.

Gordon, B. & Schroeder, C. (1995) Sexuality: a Developmental Approach toProblems.New York: Plenum Press.

Habigzang, L.F, Koller, S.H (2011). Intervenção psicológica para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual: Manual de capacitação profissional.(pp.12-40) São Paulo, Casa do Psicólogo.

Habigzang, L.F,Corte,F.D, Hatzenberger, R., Stroeher, F., Koller,S.H(2008). Avaliação Psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. Psicologia Reflexão e Crítica 21(2), 338-344.

Hogan,T.P(2006).Construção de Testes e Análise de Itens.In: Introdução a Prática de Testes Psicológicos (pp. 159-195). Rio de Janeiro:

Lidchi, V.(2010) Maus-tratos e proteção de crianças e adolescentes: uma visão ecossisitêmica.(117-146.) Rio de Janeiro, Instituto Noos.

Ministério da Saúde(2012), Recuperado em 01 de Agosto de 2012 http://www.brasil.gov.br.

Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. Revista de Psiquiatria Clínica, 25(5), 206-213.

Pasquali,L.(2009)Análise dos Itens. Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação.Petrópolis: Vozes.

Pfeiffer, L.; Salvagni,E.P. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. Jornal de Pediatria, 81(5), 197-204

Relatório da rede de proteção à criança e ao adolescente em situação de risco para a violência .Curitiba (2009) Recuperado em da 20 de maio de 2011 em www.fas.curitiba.pr.gov.br

Salvagni E.P, Wagner M.B (2006). Estudo de caso-controle para desenvolver e estimar a validade discriminante de um questionário de avaliação de abuso sexual em crianças. Jornal de Pediatria .Rio de Janeiro (pp.431-436).

Urbina, S. (2007). Considerações Básicas sobre itens de testes. In: Fundamentos da Testagem Psicológica.(pp. 213-250) Porto Alegre.

Wolfe, V.V. (1998) Child Sexual Abuse. In: G. Mash, & R. Barkley. TreatmentofChildhoodDisorders. (pp.545-597).New York: The GuilfordPress.